

Padre João Carlos Brambilla
Fábio Antonio Gabriel

**MENSAGENS
NO CAMINHO
DO DISCIPULADO
DE JESUS**

MENSAGENS NO CAMINHO DO DISCIPULADO DE JESUS

**Padre João Carlos Brambilla
Fábio Antonio Gabriel**

**MENSAGENS NO CAMINHO
DO DISCIPULADO DE JESUS**

Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

João Carlos Brambilla; Fábio Antonio Gabriel

Mensagens no caminho do discipulado de Jesus. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019. 67p.

ISBN 978-85-7993-708-8 [impresso]
978-85-7993-709-5 [Ebook]

1. Discipulado de Jesus. 2. Mensagens cristãs. 3. Vida interior. 4. Estudos bíblicos. 5. Autores. I. Título.

CDD – 240

Capa: Andersen Bianchi

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajeú (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos – SP

2019

PREFÁCIO

O presente livro, conforme intuímos desde o título – Mensagens no Caminho do Discipulado de Jesus – apresenta-se como convite à reflexão na perspectiva do seguimento de Cristo. Cabendo-me a honrosa tarefa de prefaciá-lo, apraz-me indicar alguns aspectos úteis à sua leitura. “As palavras divinas crescem juntamente com quem as lê” (*Homilia sobre Livro de Ezequiel I, VII, 8*), concluiu São Gregório Magno, Papa e Doutor e da Igreja. O conteúdo destas páginas é, em primeiro lugar, expressão do encontro entre os autores e o Cristo-Palavra. Rezando com a Palavra de Deus, alcançaram aspectos do profundo significado que ilumina a vida do discípulo-missionário. Assim sendo, compaginada agora, tal experiência oracional com a Palavra quer ser partilha, destinada a estimular e a fecundar a busca pelo sentido último daqueles à cujas mãos esta obra chegar. Sentido último que tem por Deus por fonte e destino.

“A fé... é lanterna, porta e também fundamento de toda a Escritura” (São Boaventura, *Brevilóquio* – Prólogo). Cumpre notar, em segundo lugar, que a presente obra é escrita por homens de fé. Irmãos nossos, que se permitiram guiar pela fé no desejo de adentrar ao Mistério de Deus. Deste modo, reproduz o esforço do cristão contemporâneo por manter-se crente, embora rodeado por contexto nem sempre favorável ao desafio do crer. Nesse sentido, as reflexões elaboradas, na qualidade de ecos da espiritualidade de hoje, nos ajudam na compreensão do marco histórico atual. A mudança de época da qual nos falaram os Bispos reunidos em Aparecida por ocasião da V Conferência do CELAM (13-31 de maio de 2007), é um dos sinais dos tempos que exige decidida resposta dos cristãos no seio da Igreja.

“A contemporaneidade de Cristo com o homem de cada época realiza-se no seu corpo, que é a Igreja (João Paulo II, *Veritatis splendor*, 25). O terceiro aspecto a recordar, consiste na convicção de que, no seio da Igreja, a multiplicidade dos dons e carismas manifestam a multiforme ação da graça divina e concorre para o bem comum do corpo eclesial (cf. 1Cor 12,7). O texto que temos às mãos não possui finalidade doutrinária ou dogmática. Seu objetivo é prático-espiritual-pedagógico, ou seja, ambiciona motivar a perseverança na opção fundamental por Cristo inerente à graça batismal concedida a cada cristão. Portanto, devemos lê-lo como tal, abstraindo, o mais possível, sentimentos que nos despertem, empatia que nos anime e decisão que nos mova a um modo de existência cristã, tendo Cristo realmente por modelo e forma do nosso ser, agir e compreender a nós mesmos, aos outros e à realidade circundante.

Dividido em 40 reflexões, o conteúdo a seguir evoca como método de leitura a “mística do tempo necessário-oportuno”. Biblicamente, o número 40 aparece carregado de significado para a sensibilidade crente, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. O dilúvio teve a duração de 40 dias e 40 noites (cf. Gn 7,4.12), bem como a permanência de Moisés no Monte Sinai (cf. Ex 24,18). Por 40 anos peregrinou Israel até a Terra Prometida (cf. Nm 14,33). Na plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), Jesus jejuou durante 40 dias no deserto (cf. Mt 4,2; Mc 1,12-13; Lc 4,1-2), e 40 dias após a ressurreição subiu ao céu (cf. At 1,3-11). Reconhecemos no simbolismo deste número a dupla perspectiva do movimento-contemplação. Os israelitas que vagam deserto a dentro, e a arca que desliza errante sobre as águas do dilúvio, encontram seu paradoxo no mistério do silêncio e do recolhimento de Moisés no alto do Monte, no Cristo que reza no deserto e que nas aparições pascais inflama o coração dos apóstolos confirmando-os na fé. Lendo este livro,

permitamo-nos também silenciar na penumbra da reflexão, para mais ativamente encorajarmo-nos ao desafio da ação, da compaixão que nos faz movidos ao encontro do outro. Que tal motivação nos configure realmente em autênticas testemunhas do olhar que nos cativou!

Por fim, concluo evocando a bela passagem da Carta Encíclica *Spe Salvi*, do Papa Emérito Bento XVI: “A vida é como uma viagem no mar da história, com frequência enevoadas e tempestuosas, uma viagem na qual perscrutamos os astros que nos indicam a rota. As verdadeiras estrelas da nossa vida são as pessoas que souberam viver com retidão. Elas são luzes de esperança. Certamente, Jesus Cristo é a luz por antonomásia, o sol erguido sobre todas as trevas da história. Mas, para chegar até Ele precisamos também de luzes vizinhas, de pessoas que dão luz recebida da luz d'Ele e oferecem, assim, orientação para a nossa travessia” (n. 49). A leitura desse livro nos ajudará a expandir a vida interior, a fim de que seja transformado nosso exterior, orientando-nos sempre em Jesus, autor e consumidor da fé (cf. Hb 12,2).

Parabenizando os autores pela iniciativa de levar a bom termo a produção da presente obra, manifesto minha gratidão pelo gentil convite para a redação deste prefácio. Que Nossa Senhora, Sede da Sabedoria, que tudo guardava e meditava em seu Coração Imaculado (cf. Lc 2,51), nos seja companheira e mestra no itinerário que fazemos para o Céu, contando sempre com o testemunho e o estímulo dos irmãos e irmãs na fé.

Boa leitura.

Cascavel – PR, 17 de fevereiro de 2019

+ Mauro Aparecido dos Santos
Arcebispo Metropolitano de Cascavel - PR

APRESENTAÇÃO

Reflexões acerca da importância da prática do bem nas ações de relacionamento de todo cristão norteiam os propósitos das mensagens aqui oferecidas. Trata-se de um desafio, uma meta a perseguir e não pensamos nesta prática como uma fuga do mundo, pelo contrário, os cristãos são convocados a testemunharem sua fé no cotidiano de sua existência. Nos últimos anos, a Igreja tem destacado o protagonismo dos leigos nos processos de evangelização. Durante muito tempo entendeu-se a Igreja de maneira mais evidente como uma hierarquia (diáconos, padres e bispos), mas, em nossos tempos, o despertar para a importância da concepção eclesiológica da Igreja como “Povo de Deus” move o objetivo primordial que procuramos desenvolver neste trabalho.

O Concílio Vaticano II superou a concepção de salvação, no sentido de que apenas na Igreja existiria salvação, entendendo que pessoas que fazem uma opção de vida pelo bem também podem se salvar em qualquer instituição, desde que mantenham uma reta intenção de praticar o bem e evitar o mal. Urge, assim, um despertar para pensarmos a santidade no contexto do Concílio Vaticano II, que inspira santificar-nos no contexto do cotidiano. As mensagens deste livro pretendem contribuir para a vivência da prática do bem. Por essa razão, convida a todos aqueles que, mesmo desconhecendo a figura de Jesus e de sua mensagem, desejem praticar o bem, possam fazê-lo. Praticar a justiça em um mundo por vezes tão injusto é um bom começo para aqueles que querem se tornar melhor.

O hábito de dedicar-se ao bem na vida diária é um desafio. Muitas vezes é fácil ser cristão nas missas de domingo, o difícil é testemunhar a Jesus no cotidiano. A missa dominical é um preceito católico que deve ser vivenciado, mas é necessário que essa fé no Cristo Eucarístico se traduza também em atitude cristã nas ações cotidianas.

Muitos foram santos, a seu modo, cada qual no seu tempo histórico, assim como somos convidados a buscar a santidade no contexto em que nos inserimos historicamente. Os cristãos católicos são movidos a pensar a santidade de acordo com as perspectivas do Concílio Vaticano II.

O apóstolo Paulo afirma que, na trajetória desta vida, nos deparamos com as três virtudes cardeais: fé, esperança e caridade, sendo esta última a que vai perpetuar-se eternamente. Nos evangelhos também encontramos uma proposta de plano de vida para que ações movidas pela caridade em relação ao próximo evidenciem-se como os atos mais importantes em nossa prática, a exemplo do Bom Samaritano. Esperamos que a leitura deste livro contribua para uma reflexão sobre a santidade na vivência nossa de cada dia.

1. O perdão como prática cristã singular

“Então, Pedro, chegando-se a ele, perguntou-lhe: ‘Senhor, quantas vezes devo perdoar ao irmão que pecar contra mim? Até sete vezes?’ Jesus respondeu-lhe: ‘Não te digo sete, mas até setenta e sete vezes!’” (Mateus 18, 21-22)¹

A proposta de Jesus é ousada para aqueles que querem segui-lo: deve-se perdoar, uma vez que foram perdoados por Deus. Perdoar nem sempre é tarefa fácil, é um desafio. É claro que perdoar também não é portar-se como alguém que, destituído de amor próprio, aceita passivamente que outros o ofendam. Perdoar é uma atitude de grandiosidade de personalidade daquele que consegue superar o ódio e a amargura pela ação de outrem.

Pensando em números, de acordo com a Bíblia, sabemos que sete indica plenitude, quer dizer, perdoar sempre; mas Jesus é mais enfático ao afirmar que devemos perdoar setenta vezes sete, quer dizer, infinitamente. Somos perdoados por Deus de forma exaustiva e, da mesma forma, somos convidados a perdoar nessa mesma medida e na mesma intensidade.

Por vezes dizemos: “eu perdoou tudo”, mas aquela pessoa eu não perdoou. Precisamos abrir o coração, desligarmo-nos das amarras que nosso coração fechou para o perdão. Somos convidados a dar o primeiro passo e a tentar conversar com as pessoas colocadas como nossos desafetos. Não precisamos nos tornar os maiores amigos daqueles que nos ofenderam, importa, em

¹ Os textos utilizados são extraídos da tradução da Bíblia Jerusalém, 12ª reimpressão, 2017

verdade, abrir nosso coração para a graça de Deus e pedir que Ele nos ajude a perdoar.

Pensando no cristianismo como uma filosofia de vida, há toda uma singularidade nessa proposta do perdão, condição básica para aqueles que querem seguir a Jesus. No alto da cruz, Jesus diz: “Pai, perdoa-os, eles não sabem o que fazem”. Assim como Jesus foi grande, somos convidados a ser generosos e perdoar, basta que avaliemos as falhas nossas de cada dia e que Jesus, quando contritamente nos suplicamos a Ele, magnanimamente Ele nos perdoa. O sangue de Jesus lava nossos pecados e nos livra de toda culpa; como, então, não perdoarmos os deslizes que outras pessoas cometeram contra nós? Importante que aceitemos a misericórdia de Deus e procuremos também perdoar. Quem você precisa perdoar? Em oração, peça ao Senhor que lhe conceda a graça de perdoar aquela pessoa que muito o ofendeu. Perdoemos e fiquemos em paz com a nossa própria consciência.

2. Perdoar-se a si mesmo superando o passado

Uma dimensão do perdão consiste em perdoar-se a si mesmo. Parece fácil, mas nem sempre é um caminho tranquilo, porque muitas vezes temos dificuldade em aceitar as próprias falhas por serem erros que cometemos. É preciso, então, deixar-nos iluminar pelo Senhor que nos aceita tal qual somos, apesar de nossa condição de pecadores.

Certas escolhas muitas vezes nos trazem, como consequência, momentos amargos e ficamos nos cobrando por aquelas opções mal tomadas, mas é preciso olhar para frente; quem vive de passado é museu.

Precisamos olhar para frente e buscar novos horizontes. Alguns erros que cometemos evidenciam nossa imaturidade e, conforme vamos amadurecendo, reeditamos nossa própria personalidade e temos condições de fazer escolhas mais acertadas.

Existe algo que você não perdoa no seu passado? Entregue ao Senhor e peça que Ele o ajude a perdoar-se a si mesmo. Quando temos dificuldade de perdoar-nos a nós mesmos também temos dificuldade em perdoar o próximo.

Quando olhamos para a vida de Santo Agostinho de Hipona, percebemos o quanto Deus operou na vida daquele que se tornaria bispo: uma profunda transformação; assim também devemos permitir que Deus aja em nossa vida. “Tarde te amei, oh, beleza eterna” diz-nos Agostinho. Pode ser que nossa experiência de fé tenha se consumado tardiamente, como afirma Santo Agostinho a seu respeito e tenhamos trilhado caminhos controversos, mas o Senhor nos pede a conversão e, ao mesmo tempo, o propósito de perdoar-nos a nós mesmos pelos caminhos errôneos que trilhamos.

“Em verdade, em verdade, vos digo: quem não entra pela porta no redil das ovelhas, mas sobe por outro lugar, é ladrão e assaltante: o que entra pela porta é o pastor das ovelhas” (João 10,10). Jesus é o Bom Pastor que quer conduzir nossa vida, basta que lhe entreguemos nossos caminhos. É preciso aceitar que podemos ter errado no passado, mas abrir nossos olhos para o futuro. Se há algo em nossa vida que necessita desse perdão a nós mesmos, coloquemo-nos em oração e peçamos a graça de perdoar-nos a nós mesmos, não vivamos imersos nessas torturas sem fim.

3. Deixar-se curar pelo Senhor

“Estava ele numa cidade, quando apareceu um homem cheio de lepra. Vendo Jesus, caiu com o rosto por terra e suplicou-lhe: ‘Senhor, se queres, tens poder para purificar-me’. Jesus estendeu a mão e, tocando-o, disse: ‘Eu quero, Sê purificado!’ E imediatamente a lepra o deixou. E ordenou-lhe que a ninguém dissesse dessa cura: ‘Vai, porém, mostrar-te ao sacerdote, e oferece por tua purificação conforme prescreveu Moisés, para que lhe sirva de prova” (Lucas 5,12-14).

A lepra era símbolo de exclusão social na época de Jesus. A todo aquele dominado pela lepra era atribuída a falsa causa de que tinha pecado ou de que seus pais eram pecadores. Jesus, no seu ministério, quer incluir todas as pessoas, quer tirá-las da periferia. Quantas e quantas pessoas estão também nas periferias da exclusão social e do preconceito. A pessoa humana possui dignidade e essa dignidade precisa ser respeitada. O projeto de Jesus é para que todos tenham vida e vida em abundância.

Nós também somos convidados a deixar-nos curar pelo Senhor; deixar que nossa vida se transforme em uma vivência do plano de Deus em nossa vida. E, ao seguir a Jesus, também somos convidados a colaborar no projeto de tirar as pessoas da exclusão social. Quem seriam os leprosos de hoje? Com o conhecimento científico de que dispomos, sabemos as causas da lepra, mas existem pessoas que são excluídas da sociedade e que precisam da nossa acolhida para serem valorizadas como pessoa humana.

Como seguidores de Jesus, somos convidados a deixar-nos guiar pelo Senhor e contribuir para uma crítica do sistema neoliberal que muitas vezes só pensa no lucro e não pensa no bem-estar mínimo ao ser humano. As desigualdades sociais, tão ostensivas na sociedade contemporânea, exibem-se

como uma lepra que precisa ser extirpada para garantir vida com mais igualdade entre as pessoas.

Quais são os leprosos que precisamos acolher nas nossas comunidades? Falando em evangelização, quando um pecador público, discriminado, aproxima-se da Igreja, ao invés de acolhê-lo e propor-lhe uma nova vida, quantos de nós não o enfrentamos com pedras na mão para acusá-lo e desprezá-lo?

O Senhor quer restaurar a vida de todos aqueles que o procuram de coração sincero e arrependido. Não podemos negar aos outros a mudança de vida apenas porque estiveram no pecado durante um tempo, é preciso ser misericordioso e acolhedor com o próximo que deseja participar de nosso convívio.

4. A existência de Deus como nossa opção de vida

“Diz o insensato no seu coração: ‘Deus não existe!’ São falsos, corrompidos, abomináveis; ninguém age bem” (Salmo 53).

Por vezes encontramos pessoas que não acreditam em Deus. Talvez não seja por má fé, mas por uma experiência equivocada da existência. O filósofo Blaise Pascal nos ajuda a pensar na existência de Deus com o argumento da aposta apresentada na sua obra *Pensamentos*.

Segundo Pascal, é melhor apostar que Deus existe e Ele não existir do que o contrário, porque, se apostamos que Deus existe e Ele não existir, ao menos teremos conduzido nossa vida com retidão.

Somos convidados a testemunhar que acreditamos no Deus da vida e com nosso testemunho demonstrar que Deus é o supremo criador e nosso rei e a evangelizar em todos os ambientes em que estivermos inseridos procurando transmitir uma mensagem sobre a existência de Deus.

Destaquemos a importância da palavra do apóstolo Paulo que levou a mensagem do Evangelho para aqueles que não eram judeus porque a salvação é universal. A salvação é para todos aqueles que aceitam o projeto de Jesus e não apenas para um grupo de escolhidos. A salvação deve estender-se a todos, sem distinção, e também nunca esteve destinada a uma raça apenas.

Por vezes, pode ocorrer que alguns digam que não creem em Deus justamente porque aqueles que dizem crer não demonstram uma conduta coerente com o projeto divino. É a graça de Deus que nos salva, mas precisamos corresponder ao seu amor tendo uma vida que seja coerente com a nossa opção de vida.

Todos, nas mais diversas ocupações profissionais e sociais, podemos agir de forma diferente justamente para demonstrar aquilo que pagãos já percebiam nos primeiros cristãos: “Vejam como eles se amam!” Independente da nossa vocação, somos convidados a vivê-la com gratuidade, procurando testemunhar o projeto de Deus em nossa vida. O Papa Francisco tem nos ensinado muito sobre a importância da simplicidade de vida e a coerência ao professar a fé cristã.

5. O “Pai-Nosso” – verdadeira oração

Em Mateus, 6,7-13, o evangelista nos apresenta que não devemos rezar com muitas palavras, mas sim com o *Pai-Nosso* que é a oração por excelência porque nos motiva a ter uma vida coerente com a oração.

Para santificar o nome do Senhor, somos convidados a contribuir para atingir tal propósito, prestando-lhe culto e não adorando outros deuses. Talvez o deus mais presente na sociedade contemporânea seja o dinheiro.

Uma falsa teologia da prosperidade invadiu os meios cristãos e muitos querem fazer uma troca com Deus, esquecendo-se da importância da parcimônia como condição de vida evangélica. O deus dinheiro polariza a vida de muitas pessoas que acreditam que não podem ser felizes se não tiverem dinheiro. É claro que precisamos de dinheiro para sobreviver, mas é de fundamental importância que não nos deixemos levar apenas pela ganância de ter mais e mais.

Venha a nós o vosso Reino – somos convidados a construir o reino de Deus aqui na terra; não podemos nos omitir. Somos construtores do reino enquanto batizados e não podemos nos esquecer de que o Reino de Jesus não acaba neste mundo, é de outra dimensão. Por vezes aqueles que apregoam o mal triunfam nesta vida.

Seja feita a vossa vontade – somos convidados a procurar discernir a vontade do Senhor para nossa vida; Deus nos inspira para os bons propósitos que algumas vezes são contrários àquilo que pretendemos; deixar-nos guiar pelo Espírito Santo é o convite do Senhor.

Perdoar assim como fomos perdoados - já mencionamos em mensagem anterior a importância do perdão, mas nunca é demais lembrar o projeto de Jesus do perdão e da misericórdia. Com seu sangue preciosíssimo Jesus lavou todos os nossos pecados, basta apenas que nos deixemos guiar por Ele e pelo seu amor.

Não nos deixeis cair em tentação – em um mundo neoliberal, a tentação do ter, do poder, do prazer está cada vez mais presente. As pessoas querem ter para sentir que são alguém. O falso deus dinheiro tende a querer manipular a vida das pessoas que se fecham para a graça de Deus ou, então, querem negociar com Deus como se a fé fosse um negócio. Querem pagar o dízimo para serem recompensados

financeiramente; dízimo é gratidão por graças recebidas e não negociata com Deus. O amor de Deus é gratuito, não podemos transformar em um negócio. Vivenciar o Pai-Nosso, eis o desafio no caminho da santidade.

6. Deixar-se conduzir pelo Espírito

“Todos os que são conduzidos pelo Espírito de Deus são filhos de Deus. Com efeito, não recebestes um espírito de escravos para recair no temor, mas recebestes um espírito de filhos adotivos, pelo qual clamamos: ‘Abbá, Pai.’ O próprio Espírito se une ao nosso espírito para testemunhar que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também testemunhas que somos filhos de Deus. E se somos filhos, somos também herdeiros; herdeiros de Deus e co-herdeiros de Cristo, pois sofremos com ele para também com ele sermos glorificados” (Romanos, 8, 14-17).

São Paulo inspira nossa reflexão para pensarmos na importância de nosso ser: somos filhos de Deus. Aí está nossa importância como pessoa humana: não somos filhos de qualquer pessoa, somos filhos de Deus e, por essa razão, somos convidados a deixar-nos guiar pelo Espírito. Somos co-herdeiros de Cristo que nos aconselha a aceitar o sofrimento em nossa vida não por amor ao sofrimento mas como caminho para a ressurreição.

O cristão deve testemunhar a ressurreição em sua vida, a demonstrar que Cristo não morreu em vão pelos nossos pecados, mas, sim, que aceitamos o projeto de Deus e deixamo-nos guiar pelo espírito do Senhor.

O que nos espera é a vida eterna, por isso, qualquer condição nesta terra não deve ser vista como um fim em si mesmo, mas devemos considerar a herança da vida eterna, presente que recebemos do Senhor. É preciso

deixar-nos conduzir pelo Espírito Santo de Deus que nos conduz quando nos deixamos guiar por sua inspiração.

Ser santo não é uma tarefa impossível, é uma atitude de quem não se deixa guiar pelos apetites da carne mas se deixa mover pelo Espírito do Senhor. Os apetites da carne querem nos propiciar um prazer momentâneo, mas é a inspiração do Espírito que nos proporciona uma vida eterna abençoada no Senhor.

Sobretudo pelo batismo tornamo-nos filhos de Deus, e o batismo abre as portas para os demais sacramentos que nos acompanham por toda a vida e nos encaminham para uma experiência de fé durante toda a nossa trajetória. O Sacramento da Penitência é o caminho do perdão por excelência, que nos convida a reencontrar-nos com o Senhor. O Sacramento da Crisma nos confirma na fé professada por nossos pais e, mediante esse sacramento, assumimos a missão de ser sal e luz do mundo, um desafio, em que a graça do Senhor nos acompanha. Os sacramentos da Ordem e do Matrimônio relacionam-se com nossa vocação, sacramentos a respeito dos quais refletiremos na próxima mensagem. O sacramento da Unção dos Enfermos nos prepara para a passagem derradeira de nossa existência.

Sejamos santos e deixemo-nos guiar pelo Senhor!

7. Vocação acertada: futuro feliz

Todos somos chamados à santidade. Todavia, o modo como vivenciamos essa santidade diferencia-se de acordo com a vocação à qual somos chamados.

Há aqueles que são chamados ao matrimônio; são convidados a formar uma família segundo os desígnios do Senhor. O matrimônio não é um simples contrato civil de

convivência, mas uma comunhão de vida, uma comunhão de amor, é uma vocação. Os filhos são sinal da abertura para novo amor, é o sair do egoísmo para partilhar a própria vida. O Papa Francisco tem exortado e provocado reflexões sobre acolher os casais em segunda união e também que eles sejam acolhidos pela Igreja. O período do namoro traz uma vivência toda especial, fase de discernimento para que os casais percebam se realmente terão compatibilidade de convivência; é o momento do conhecimento recíproco. Os namorados são convidados a expressarem-se sinceramente um ao outro, procurando não esconder quem realmente são, porque, depois, a máscara daqueles que não foram sinceros cai, e o sofrimento é recíproco, podendo desencadear decepções e, até mesmo, a separação.

Outros são chamados à vida religiosa. Existem congregações, institutos religiosos, e as pessoas chamadas para essa vocação assumem uma vida de doação integral ao projeto do Reino de Deus. Muitos santos canonizados seguiram justamente este caminho e foram convidados a testemunhar o Reino de Deus na vida consagrada. Quantas e quantos religiosas e religiosos fazem a diferença nos mais diversos locais onde exercem sua missão de evangelizar. Basta ver o testemunho das religiosas que trabalham nos hospitais e cuidam daqueles que estão enfermos.

Por fim, outros são chamados a exercer o ministério sacerdotal como diáconos, presbíteros ou bispos. Cada um a seu modo, conforme nos ensina o Catecismo da Igreja Católica, exercem o múnus sacerdotal de Jesus, ou seja, a função, a obrigação que incumbe a cada ministério. Em cada Igreja Particular (diocese), o bispo é convidado a construir o reino de Deus em harmonia com diáconos e

presbíteros e com o povo de Deus. O sacerdote é outro Cristo e exerce seu múnus pastoral por Cristo, em Cristo e em nome de Cristo. Pastorear o povo de Deus não é missão fácil, mas a graça de Deus supre as limitações humanas.

Enfim, independente da vocação assumida, o importante é ser sincero consigo mesmo e assumir com alegria a vocação que considerar inspirada pelo Senhor. É preciso santificar-se no Senhor e buscar sempre viver sua condição vocacional da melhor forma possível.

8. Maria, mãe de Deus e nossa mãe

“Quem semeia Maria, colhe a Jesus”. Maria é a escolhida para colaborar com o projeto do Reino de Deus de todos os tempos, anunciado pelos profetas. E eis que se cumprem as Escrituras. Temos em Nossa Senhora um exemplo de cristã que soube aceitar o projeto de Deus em sua vida e colaborar com o projeto da salvação. Desde os primórdios a Igreja sempre demonstrou grande devoção à Maria Santíssima. Deus não escolheu uma rainha nos moldes humanos para ser a mãe de seu filho, mas uma virgem simples, humilde e de coração aberto ao Senhor.

São José também ocupa papel muito importante na história da salvação, porque ele, enquanto pai adotivo de Jesus, ofereceu todas as condições ao filho para que crescesse em idade, em sabedoria e graça.

Não estamos órfãos, Maria é mãe de Deus e nossa mãe. Os estudos da mariologia destacam a relevância do culto a Maria no seio do cristianismo. Ela soube deixar-se guiar pelo espírito de Deus e confiar na providência divina. Imagine nos tempos de Maria uma mulher que ficasse grávida cujo filho não fosse de seu marido (como era

perseguida!), mas ela acreditou em Deus que providenciou José para sua vida e também José soube deixar-se conduzir pelos anseios do Senhor.

Mesmo grávida, ela foi ao encontro de sua prima Izabel para ajudá-la na gravidez de João Batista, aquele que veio antes do Senhor para preparar-lhe os caminhos. Tudo o que os profetas previram estava prestes a se cumprir e eis que Deus estendeu seus projetos para todos nós. Maria é exemplo daquela mulher que confiou em Deus e nos desígnios divinos. Quantas vezes duvidamos da ação de Deus em nossa vida; somos convidados, a exemplo de Maria, a nos deixar guiar pela providência que Ele oferece.

No Brasil, temos a devoção a Nossa Senhora Aparecida, representando a proteção materna da mãe de Deus pelos mais sofridos e excluídos da sociedade. Na sua cor negra, ela incorpora justamente o sofrimento dos africanos que para aqui foram trazidos como escravos e sofreram muito com a discriminação.

No caminho pela santidade, que possamos também como filhos de Maria lutar por um Brasil com condições melhores para todas as pessoas, garantindo-lhes condições de existência digna.

9. Refrear a língua como opção para a santidade

Saber controlar a língua é um caminho oportuno para a santidade. Quem refreia a própria língua consegue refrear todo o corpo. Assim, é importante saber o que falar, para quem falar e em qual momento falar. Há aqueles que dizem apenas a verdade. Mas a verdade como um remédio também deve ser dosada. Muitas vezes não é o que se fala, mas como se fala. Precisamos

disciplinar nossa língua se queremos seguir um caminho de santidade.

A linguagem é um dom de Deus, por ela nos comunicamos e podemos ser compreendidos. Mas a língua pode ser também fonte de incompreensões. Somos convidados a saber falar, a exercitar o discernimento no falar. Isso, com o objetivo de edificar aqueles com quem convivemos. Não podemos nos omitir diante das situações de injustiças que permeiam nossa sociedade, mas isso não quer dizer que devemos ofender as pessoas.

Quantas vezes ofendemos as pessoas sem necessidade. Quantos casais se separam porque uma das partes ou ambas não sabe tratar com respeito e carinho o outro. Quantas situações poderiam ser evitadas se cada um respeitasse o outro na sua singularidade.

Algo que sufoca e causa grande problema nas comunidades é a fofoca. A fofoca destrói e corrói os vínculos humanos. É preciso advertir os fofoqueiros de nossa comunidade porque eles semeiam discórdia e divisão, o que em nada colabora para a construção do Reino de Deus. É preciso também não dar atenção para os fofoqueiros que destilam seu veneno, não lhes dar ouvido, nem voz na comunidade.

Nas comunidades somos chamados a exercitar a fraternidade. É pela correção fraterna que demonstramos condições de educadamente expressar ao outro uma sugestão da mudança de seu comportamento na comunidade.

Enfim, o caminho da santidade transita pelo exercício contínuo de vigilância da língua para podermos construir comunidades de fé, feitas de praticantes e hospedeiros da paz e da solidariedade.

10. Viver como ressuscitados no Senhor

“Penso, com efeito, que os sofrimentos do tempo presente não têm proporção com a glória que deverá revelar-se em nós; pois a criação em experiência anseia pela revelação dos filhos de Deus. De fato, a criação foi submetida à vaidade – não por seu querer, mas por vontade daquele que a submeteu – na esperança de ela também ser libertada da escravidão da corrupção para entrar na liberdade da glória dos filhos de Deus” (Romanos 8, 18-21)

Os cristãos não devem viver a esmo, devem viver alegres e testemunhar a alegria em sua vida porque os sofrimentos da vida presente nem se comparam à glória futura. Eis a proposta de santidade que a Palavra de Deus nos apresenta. Somos convidados a testemunhar a Jesus em nossa vida e sermos porta-vozes da Ressurreição.

Os primeiros cristãos, mártires da fé, são o modelo para seguirmos como aqueles que testemunharam a Jesus até as últimas conseqüências, e com alegria, porque sabiam que os esperavam a Ressurreição no Senhor. Os mártires foram perseguidos socialmente no seu tempo e nós, hoje, muitas vezes, de forma mais sutil, também somos perseguidos na busca de testemunhar o Senhor.

A alegria do cristão deve irradiar pelos ambientes em que ele estiver e cumpre a ele fazer os demais sentirem a diferença de alguém que se envolve com a palavra de Deus e se deixa guiar por ela. Somos convidados a atuar como pessoa movida pela esperança e a transmitir a esperança para aquele que muitas vezes está desesperançado e sem rumo.

Que a alegria do Senhor seja nossa motivação e sejamos transmissores de uma fé alegre e comprometida com a construção do Reino de Deus a realizar-se

integralmente apenas na outra vida. Somos convidados a testemunhar a Jesus com nossa vida, demonstrando que ser de Jesus é um caminho alegre para caminhar para a glória do Senhor.

11. **Viver na condição de Filhos de Deus**

“Vede que manifestação de amor nos deu o Pai: sermos chamados filhos de Deus. E nós o somos. Se o mundo não nos conhece, é porque não o conheceu. Amados, desde já somos filhos de Deus, mas o que nós seremos ainda não se manifestou. Sabemos que por ocasião desta manifestação seremos semelhantes a Ele, porque o veremos tal como Ele é” (I João, 3,2).

Ser chamado de “Filho de Deus” é uma graça inimaginável. O caminho para a santidade deve ser trilhado por todos aqueles que assumem para si a missão de ser chamado filho de Deus. Reconhecer as demais pessoas também como filhas de Deus é importante. O Concílio Vaticano II reconheceu a importância de se respeitarem as diversas tradições religiosas. Isso não é menosprezar a própria religião, mas aceitar o diferente, saber que todas as pessoas possuem uma dignidade pessoal. Apesar da diferença de dogmas, as diferentes religiões, salvo raras exceções, ensinam a prática do bem e nisso se assemelham com o projeto de Jesus.

Viver como *Filho de Deus* é procurar vivenciar uma prática ética condizente com o projeto do Reino de Deus. “Eu vim para que todos tenham vida e vida em abundância” (Jo 10,10). O compromisso social com a construção do Reino de Deus é fundamental para que todos sintam a dignidade de filhos de Deus. Infelizmente, no Brasil, vivemos uma situação de tanta corrupção que

gera muitas injustiças sociais capazes de denegrir a dignidade da pessoa humana.

Madre Teresa de Calcutá é um grande exemplo de santidade encarnada na vida social das pessoas. Com sua simplicidade, ela contribuiu para a construção do Reino de Deus. Os Documentos de Puebla, Medelin e Aparecida também sinalizam para esse compromisso, principalmente da América Latina, de lutar por melhores condições de vida para todos.

Ainda Madre Teresa de Calcutá dizia que o ser humano tinha fome não apenas de pão, mas de ser amado, de ser querido. Como *Filhos de Deus*, somos convidados a transmitir a mensagem do Reino para todas as pessoas, de maneira indiscriminada, como forma de ajudar os mais pobres para que eles disponham pelo menos do mínimo de condição social.

12. A caridade: virtude suprema

“Ainda que eu falasse a língua dos homens e a dos anjos, se eu não tivesse a caridade, seria como bronze que soa ou como címbalo que tine. Ainda que eu tivesse o dom da profecia, o conhecimento de todos os mistérios e de toda a ciência, ainda que tivesse toda fé, a ponto de transportar montanhas, se não tivesse a caridade, nada seria” (I Coríntios, 13, 1-3).

No caminho da santidade, uma virtude essencial é a prática da caridade. De nada adiantam outras virtudes se não houver amor, caridade. Jesus nos amou até as últimas consequências, entregando-se por nós na Cruz. Também nós, no caminho da santidade, somos convidados a vivenciar a prática do bem. Os santos de todos os tempos foram santos porque amaram também até as últimas consequências. Cada um a seu modo, mas com a graça de

Deus, transmitiu uma mensagem de amor ao mundo. Também nós somos convidados a amar até os inimigos, como nos ensina Jesus; afinal, que mérito há em amar a quem nos ama?

Como já apresentamos, cada pessoa tem uma vocação específica e nessa vocação é chamada a testemunhar a Jesus, caminho, verdade e vida. O amor em cada vocação assume uma roupagem diferente, porém contém a prática de querer bem ao outro, doando-se ao outro.

O patrono do clero diocesano *Cura D’Ars* (São João Maria Vianei) foi alguém que amou doando-se ao máximo na sua vocação sacerdotal. Passava horas e horas atendendo confissões e reconciliando as pessoas com o Senhor. Outros santos amaram de modo diverso, mas todos procurando oferecer um testemunho do ressuscitado em suas vidas.

São Francisco de Assis também foi um santo radical em sua opção pelo evangelho, amando até as últimas consequências e doando-se a uma vida de pobreza. Procurou seguir o evangelho radicalmente e deixou um testemunho de amor pela humanidade e por toda a obra da criação ensinando-nos a importância de amar até as últimas consequências.

Não vamos vivenciar a caridade segundo *Cura D’Ars*, ou São Francisco de Assis, ou outro santo, mas somos convidados a ser, a nosso modo, santo. O critério fundamental é a vivência da fé cristã, tendo, no âmago, a vivência da caridade.

13. Jesus, fonte da água viva

“No último dia da festa, o mais solene, Jesus, de pé, disse em alta voz: ‘Se alguém tem sede, venha a mim e beberá aquele

que crê em mim! Conforme a palavra da Escritura: De seu seio jorrarão rios de água viva” (João 7, 37-38).

Jesus é a fonte da água viva. Quando estamos cansados, devemos buscar no Senhor o necessário refúgio para nossas tristezas, depressão, cansaço. Jesus quer nos auxiliar a percorrer o caminho do bem, desde que trilhemos a vida praticando o bem, conforme nos ensina Jesus.

Para nós, católicos, cristãos, a Igreja é interprete do verdadeiro testamento da fé cristã. Não bastam apenas as Sagradas Escrituras, é preciso deixar que a Igreja ilumine nossa caminhada. Muitos equívocos ocorrem quando as pessoas interpretam as Sagradas Escrituras segundo pensamento próprio. A Escritura deve ser interpretada pela fé cristã, no Cristo Ressuscitado, fonte de nossa água viva.

Depois de realizarmos todas essas reflexões, introduzimos aqui uma pequena oração para você se colocar na presença de Deus e pedir que Ele, fonte da água viva, reanime cada vez sua fé cristã:

“Ó, Jesus, que morreste por mim numa cruz, iluminaí meus pensamentos, guiai meu caminhar, dai-me, Senhor, discernimento diante das dificuldades da vida para poder iluminar meu guiar pelas vossas palavras. Vós que sois a fonte da água vida, renovai minhas forças para eu lutar por uma sociedade mais justa e fraterna, procurando sempre em minha vida testemunhá-lo nos ambientes em que estiver. Jesus, ajuda-me a viver a caridade como fonte de prática cristã que testemunhe minha fé diante das demais pessoas em minha vida. Ajuda-me a sempre perdoar os outros e também me perdoar para estar apto a receber o seu perdão por todos meus pecados. Ajuda-me a vivenciar a vida da graça na minha vida”.

14. Vigiai e orai, diz-nos o Senhor

“Preservai na oração, vigilantes, com ação de graças, orando por nós também ao mesmo tempo, para que Deus nos abra uma porta à Palavra, para falarmos do mistério de Cristo, ao qual estou prisioneiro a fim de que eu dele fale como devo. Tratai com sabedoria os de fora: sabeis tirar proveito do tempo presente. A vossa palavra seja sempre agradável, temperada com sal, como convém a cada um” (Colossenses, 4, 2-6).

A oração é o alimento para a busca da santidade. Somos convidados constantemente a testemunhar a Cristo e, diante dos desafios, é na oração que encontramos forças para superar tal dificuldade. A Santa Missa é o momento de oração por excelência, momento de memória da Paixão, Morte e Ressurreição do Senhor Ressuscitado. É atualização do Mistério Pascal. De domingo a domingo os cristãos expressam sua fé no Cristo Ressuscitado participando da Santa Missa.

A vigilância é uma virtude que contribui para a busca da santidade; a oração contribui para alimentar nossa fé. Jesus também orava e buscava forças no Pai para realizar sua missão. O ativismo pastoral é um grande desafio em nossos tempos, em que se multiplicam os compromissos pastorais. Santa Terezinha do Menino Jesus muito nos ensina sendo a padroeira das missões no convento. Mais do que ações e mais ações é necessário encontrar-nos com o Senhor. O Senhor é nossa força e nosso guia nas mais diversas situações.

O Concílio Vaticano II muito nos ensinou sobre a importância da participação ativa na Santa Missa. Superando uma teologia tradicional em que os fiéis apenas assistiam à Missa, após o Vaticano II temos uma visão da importância da participação consciente na Santa

Missa inclusive nos cantos. O sacerdote preside a Eucaristia, e todos os fiéis participam ativamente desse mistério.

Participar das adorações ao Santíssimo em muito contribui para alimentarmos nossa fé no Ressuscitado. É a presença real de Jesus. Não é apenas uma representação, é o próprio Jesus vivo e presente na Sagrada Eucaristia.

15. Valorizar os pais

“Escuta, meu filho, a disciplina do teu pai, não despreza a instrução da tua mãe, pois será formoso diadema em tua cabeça e colar em teu pescoço. Meu filho, se pecadores quiserem te seduzir, não consinta!” (Provérbios 1, 8-10).

Respeitar os pais em qualquer situação é sempre uma atitude sábia como nos ensinam os provérbios. No caminho da santidade, devemos defender a família. Atualmente, percebemos na mídia um movimento constante de desvalorização da família. Pais que não cumprem sua missão, filhos que não respeitam os pais.

Um dos desafios da Igreja é também cativar os jovens para participar da vida da Igreja. “A igreja será jovem quando o jovem for Igreja” nos dizia João Paulo II. A Sagrada Família, como mostramos em outra mensagem, é exemplo de família ordenada para cumprir os desígnios do Senhor. Também nossas famílias são convidadas a participar da graça do Senhor vivenciando sua fé de modo exemplar.

Defender a família é nossa missão como cristãos. A família é a estrutura fundamental da sociedade. Sem a família desestruturam-se todas as demais sociedades. Também incentivar os alunos a respeitarem seus professores é de fundamental importância, tendo em

vista a responsabilidade que os professores têm na educação dos filhos.

Enfim, nossa missão é grande porque a família sofre ataques constantemente. Incentivar também o respeito pelos pais é de fundamental importância, já diz o mandamento da lei do Senhor: “Honra teu pai e tua mãe”. Honrar pai e mãe é valorizá-los e seguir seus ensinamentos. É abençoado no Senhor todo aquele que respeita seus pais.

16. Ser humano: imagem e semelhança de Deus

“Deus disse: ‘Façamos o homem à nossa imagem, como nossa semelhança e que eles dominem sobre os peixes do mar, as aves do céu, os animais domésticos, todas as feras e todos os répteis que rastejam sobre a terra’” (Gênesis, 1,27).

A mensagem do livro do Gênesis consiste em dizer que o ser humano foi criado à imagem e semelhança de Deus. Nesse sentido, não se pode entender o Gênesis como um livro científico sobre a origem do mundo, mas como uma mensagem de fé. É preciso entender que o mundo foi criado por Deus e é Ele quem mantém este mundo com sua providência divina. Eis o fundamento para se pensar na importância da pessoa humana: criada à imagem e à semelhança do criador.

O livro do Gênesis relata também a criação da mulher e do homem. A mulher tirada da costela do homem justamente para demonstrar a importância de ambos e como ambos se complementam. Tomás de Aquino, com as Cinco Vias sobre a existência de Deus nos auxilia a pensar, partindo de Aristóteles, que deve existir um primeiro motor para este mundo criado e este primeiro motor, que não foi causado por nada, é Deus. Ele é causa

de si mesmo, Ele é o primeiro motor que a tudo movimentava.

Preservar o meio ambiente do qual o ser humano foi convidado a cuidar, eis nossa missão. O filósofo Hans Jonas formula o imperativo categórico: “Age de tal maneira a garantir a perpetuação da vida humana no planeta”. Esse imperativo nos auxilia, a nós, cristãos, a pensar na importância da preservação do meio ambiente porque podemos estar comprometendo a perpetuação da vida humana no planeta. Todos nós somos responsáveis pelos cuidados com o meio ambiente e cumpre-nos denunciar atitudes que danifiquem o meio ambiente, muitas vezes guiadas por imperativos capitalistas e pela ganância do acumular bens sem limite.

Não apenas ser imagem e semelhança de Deus cabe-nos como missão, mas também fazer que outras pessoas também se percebam como imagem e semelhança de Deus. Impõe-nos ainda denunciar tantas e tantas situações em que a vida é denegrida. Quantas pessoas morrem sem um atendimento adequado, quantas e quantas pessoas que nunca tiveram oportunidade de ter um salário mínimo e tantas e tantas situações que clamam por uma intervenção política para garantir condições sociais mais iguais!

17. Guarda no coração os preceitos do Senhor

“Meu filho, guarda as minhas sentenças, conserva os meus preceitos; guarda os meus preceitos e viverás, a minha instrução seja a menina de teus olhos. Ata-a aos dedos, escreve-a na tábua do coração: diz à sabedoria: ‘Tu és minha irmã’. Chama a inteligência de tua parenta, da estranha cuja palavra é sedutora” (Provérbios 7, 1-5).

Por vezes os filhos da luz sentem-se desanimados porque, aparentemente, os ímpios têm mais sucesso. Mas é preciso entender que o sucesso dos ímpios é passageiro e fugaz; já a promessa daquele que guarda os preceitos do Senhor garante para si uma vida eterna. Os filhos de Deus precisam agir de maneira diversa, não podem aderir às mesmas atitudes que os filhos das trevas realizam.

Guardar as instruções do Senhor, eis o caminho para a santidade. Os dez mandamentos são um referencial moral para todo cristão. Amar a Deus sobre todas as coisas consiste em não criar ídolos no lugar de Deus. Na sociedade neoliberal, o grande deus é o dinheiro, e nós precisamos constantemente negar esse ídolo e prestar culto apenas ao Senhor.

Amar o próximo como a nós mesmos, eis o preceito de grande importância. A prática do amor é um desafio ético para todos nós e, amando o próximo, obedeceremos aos outros mandamentos que propõem não prejudicar o próximo.

Não vamos comentar mandamento a mandamento, mas gostaríamos de enfatizar a importância de valorizá-los como menina de nossos olhos. Aqueles que trilham os caminhos do Senhor por vezes podem ser julgados atrasados, retrógrados e até ridicularizados pelos filhos das trevas, mas o dia de prestarmos conta ao Senhor chegará e será a hora em que o joio será separado do trigo.

Importante que os pais sejam exemplo de testemunho para seus filhos, para guiá-los nos caminhos dos preceitos de Deus. Guardar os preceitos do Senhor é cultivar uma espiritualidade que una um conhecimento teórico dos mandamentos de Deus à prática diária desses mandamentos. De nada adianta um grande conhecimento

sobre a Sagrada Escritura se não se colocam em prática os mandamentos do Senhor. É preciso uma recepção completa da Palavra de Deus que uma teoria e prática; não basta honrar o Senhor com os lábios e nas ações comportar-se como um ímpio.

18. Conversão: caminho diário

Conversão: caminho diário a ser percorrido por aqueles que desejam seguir como discípulos de Jesus. Somos convidados, como um atleta, a constantemente buscar nosso aperfeiçoamento na fé. A santidade é um caminho a ser exercitado. Assim como o atleta aperfeiçoa as próprias capacidades, também nós somos convidados a aperfeiçoar-nos no caminho da santidade. São Pedro é exemplo daquele que negou a Jesus, mas soube reconhecer seu erro e voltar para o Senhor.

São Pedro é exemplo da humanidade que é nossa natureza. Somos humanos, erramos, falhamos, mas é preciso colocar-nos em um exercício de conversão sincera para com Deus e para com os irmãos. Não podemos nos deixar levar pelo desânimo ou pela falta de fé. O Senhor nos convida a uma conversão constante.

Aristóteles, na obra “Ética à Nicômaco”, nos fala a respeito da importância da busca da excelência moral, ou seja, do aperfeiçoamento constante em busca de tornar cada vez melhor. É preciso também saber alternar os momentos de contemplação e os momentos de ação. Jesus, nos evangelhos, quando visita Marta e Maria, ensina-nos muito bem que é preciso saber escolher a melhor parte e saber discernir quando é momento de agir e quando é momento de contemplar.

Anualmente somos convidados na quaresma a pensar na importância da conversão do coração ao Senhor. A Igreja no Brasil nos convida também a pensar em um tema concreto para externarmos a conversão na dimensão social. É contraditório que, sendo o Brasil o país com maior população católica, ainda continue com tantas desigualdades sociais.

Oração: Ó Deus de infinita bondade, auxiliai-me no meu processo de conversão para que eu possa estar mais próximo (a) de ti e possa com minha vida procurar testemunhar seu evangelho. Que eu possa ser sinal de tua presença nas mais diversas situações em que me encontrar. Dá-me constância na fé para que eu não vacile diante das dificuldades da minha vida e que jamais duvide de sua presença a me guiar.

19. Engajamento político dos cristãos

Os cristãos são exortados pela Doutrina Social da Igreja a engajarem-se na vida política e fazer a diferença. Por vezes, a política parece algo desprezível de tanta sujeira e corrupção que encontramos. Todavia, os cristãos são convidados a assumir cargos políticos e atuarem com honestidade e ética, demonstrando que a verdadeira política consiste em cumprir as promessas feitas para oferecer aos cidadãos uma vida mais digna.

Exercitar a política não é politicagem. Politicagem é algo sujo e algo que deve ser rechaçado, mas a verdadeira política se preocupa em, eticamente, tratar do bem comum, do progresso de uma sociedade. Os cristãos, assim, são convidados, quando exercem cargos públicos, a defender os valores cristãos que muitas vezes são atacados de diversos modos.

Leão XIII, na encíclica *Rerum Novarum*, já alertava sobre a opressão que os trabalhadores muitas vezes sofrem devido à ganância dos patrões. Quem é cristão e é patrão também deve ter um comportamento de respeito aos direitos dos seus subordinados. Os cristãos que são empregados também devem colaborar com seus patrões, procurando fazer de forma bem feita seu ofício.

Assumir cargos políticos é um desafio a todo cristão para testemunhar a Jesus, em âmbito da política, demonstrando que é possível fazer uma política limpa e sem prejuízo aos demais, lutando pelo bem comum.

O cristão também exercita sua santidade quando procura votar adequadamente, ou seja, votar no candidato que, de reta consciência, lhe parece o mais apropriado para exercer um determinado cargo público. Vender o voto, eis algo inaceitável para um cristão. É necessário coerência e saber votar, escolhendo aquele que parece ser o melhor para lutar pelo bem comum.

20. Não transformar a religião em um comércio

“Então Jesus entrou no Templo e expulsou todos os vendedores e compradores que lá estavam. Virou as mesas dos cambistas e as cadeiras dos que vendiam pombas. E disse-lhes: ‘Está escrito: *Minha casa será chamada casa de oração*. Vós, porém, fazeis dela um *covil de ladrões*’” (Mateus 21, 12-17).

Nos tempos atuais, há um grande perigo de se transformar a religião em um grande negócio. E se Jesus voltasse hoje talvez expulsasse também muitos vendilhões do Templo. O Templo de Jerusalém, que era para ser um lugar de oração, tinha se transformado em um covil de ladrões em que se explorava a boa fé das pessoas. Hoje temos uma teologia da retribuição que, infelizmente,

transforma a religião em um grande comércio. “Frequente minha igreja e terá os bens que desejar”, eis uma falsa fé que não é a fé de Jesus. A fé de Jesus é justamente a fé do despojamento dos bens terrestres. É claro que precisamos de bens, mas eles não devem representar a meta final em nossa vida. É preciso buscar algo mais, o tesouro eterno.

A verdadeira religião de Jesus não representa uma fé de comércio, mas uma fé de doação a Deus e ao próximo. As igrejas cristãs também são chamadas a testemunhar sua presença no mundo com obras sociais que se fazem um exemplo de serviço aos pobres mais pobres. A opção preferencial pelos pobres na América Latina é um desafio a ser vivenciado pelas diversas instituições religiosas cristãs.

Deus é amor, é doação e não um negócio. Querer transformar a religião em um negócio é muito triste, porque está se a brincar com algo muito sério e certamente Deus, justo juiz, pedirá contas àqueles que transformam a religião em comércio e se aproveitam da boa fé das pessoas, sobretudo das mais simples.

Contribuir com o dízimo, eis uma tarefa do cristão; não no sentido de fazer uma troca com Deus para receber mais, mas no sentido de gratidão pelos bens recebidos do Senhor. É preciso ser grato e colaborar com a obra de Deus, uma vez que ele nos proporciona muitos bens. Mas é preciso estar atento para não se deixar levar por uma falsa teologia da prosperidade que vê no dízimo uma alavanca para se ganhar mais e mais.

Igrejas não são empresas, no sentido capitalista, e não devem visar ao lucro e sim à construção do Reino do Senhor. É preciso não se deixar levar pelas falsas

promessas da teologia da prosperidade e guiar-se pelo espírito de pobreza que os evangelhos nos apresentam.

21. Bem-aventurados os pobres porque deles é Reino dos Céus

Somos convidados a não aspirar, como fonte de segurança, às riquezas terrestres, porque elas são passageiras. Certamente Deus não nos deseja a miséria. Infelizmente muitas pessoas vivem sem recursos mínimos e este não é o plano do Senhor para seus filhos. Mas somos convidados a ser desprendidos em relação aos bens terrestres. Triste é o fim daqueles que colocam todas as suas esperanças nos bens terrestres, que são passageiros.

A pobreza também está relacionada com a humildade. Humildade refere-se a um coração aberto para a graça de Deus. Alguns santos viveram a pobreza ao extremo, desvinculando-se de todos os bens que possuíam. Independente de possuímos ou não bens, o importante é a nossa atitude diante dos bens. Colocar no Senhor nossa inteira confiança é o caminho mais prudente para aqueles que desejam santificar-se.

As bem-aventuranças que encontramos nos evangelhos oferecem uma mensagem constante da busca de um padrão de vida diferente em relação ao que é aparentemente mais vantajoso, humanamente falando. Seguir a Jesus é deixar-se modelar e acreditar com confiança na providência divina. Por vezes, não é fácil acreditar que Deus proverá o de que necessitamos, mas o caminho da santidade transita por essa confiança.

Ter um coração aberto para Deus é estar sempre disposto a colaborar com o Reino de Deus, lutando pelo

seu crescimento. É sair do egoísmo e não se alegrar apenas egoisticamente pelo próprio êxito, é pensar de forma comunitária. Somos convidados a colaborar com a comunidade em que estamos inseridos, contribuindo para o crescimento de todos, atuando como mola propulsora do Reino de Deus.

22. Não enterrar talentos

Importante também no nosso caminho de santidade é não enterrar os talentos que nos forem confiados pelo Senhor. O Senhor nos convida a colocar nossos talentos à disposição do Reino de Deus. Quantos e quantos têm talento, mas a pessoa os coloca na promoção de opressão alheia ou, então, apenas em proveito próprio.

O cristão, pelo contrário, é convidado a colocar seus talentos à disposição do crescimento do Reino de Deus. O que seria de nossas comunidades, caso não pudessem contar com as pessoas que colocam seu talento à disposição de seus semelhantes? Os evangelhos nos apresentam a importância de não mantermos os talentos adormecidos; é necessário, frutificar potencialidades. Quem deixa seus talentos enterrados será cobrado pelo Senhor porque não os utilizou.

Há pessoas que não são talentosas, mas muito generosas em doar-se continuamente na construção do projeto de Deus em sua comunidade; outras possuem muitos talentos mas evitam doar-se. Pensando do ponto de vista social, como seria importante que todo cristão se sentisse motivado a participar de um projeto de voluntariado.

Ser voluntário na paróquia ou em algum serviço social é um bom caminho para colocar os talentos à

disposição da comunidade. Os serviços voluntários contribuem para salvaguardar melhores condições, principalmente àqueles mais desprovidos de condições sociais. É claro que temos todos nossos afazeres, nossos compromissos profissionais, mas não custa nada dedicarmos uma pequena parte do dia em prol de um projeto social.

Não enterrar os talentos é também não ser medíocre e buscar sempre aperfeiçoar-se. O contínuo aperfeiçoamento nos auxilia a buscar sempre e cada vez mais o melhor de nós mesmos. Precisamos nos motivar a aperfeiçoar-nos para que testemunhemos a Jesus, Caminho, Verdade e Vida em nossa vida. Do contrário, podemos cair no comodismo de não aperfeiçoar-nos e de nos mantermos eternamente inertes, imersos em uma vida não vivida em sua profundidade.

23. Vós sois sal da terra e luz do mundo

Ser sal e luz do mundo eis nossa missão como batizados e crismados. Pelo sacramento do batismo, somos convidados a testemunhar a Jesus em nossa vida atuando como sal da terra. Ser sal da terra é ser justamente aquele que dá sentido à própria existência e colabora para que outros também encontrem sentido em seu viver. Como é bom quando convivemos com pessoas positivas, animadas, que transparecem alegria e disposição! Como é triste quando convivemos com pessoas desanimadas, sem “sal” e sem gosto de viver. Nós, cristãos, temos por missão testemunhar a ressurreição do Senhor, demonstrando com nossa vida que acreditamos em um Jesus Ressuscitado, fonte de vida e de esperança.

Ser luz do mundo é empenhar-se em dissipar as trevas do egoísmo, da falta de fé, da falta de solidariedade. Ser luz no mundo é um compromisso cristão de iluminar aqueles que se encontram ao nosso redor e ser um testemunho vivo de esperança em compromisso com a promoção da dignidade da pessoa humana.

Quando pensamos em luz, é preciso não ser invejoso da luz de outrem; somos convidados a cultivar admiração pela luz que de nosso semelhante emana. Muitas vezes, na comunidade, quando alguém se destaca em uma determinada função, torna-se alvo de inveja e da maledicência que destroem qualquer relacionamento. A maledicência quase sempre é motivada pela inveja. “Como não tenho as virtudes que o outro tem, vou atacá-lo para diminuí-lo com as maledicências que invento”. É preciso ter muito discernimento para não cair na tentação da inveja e da maledicência.

Ser sal e luz do mundo é ser um líder para o bem. O filme *A corrente do bem* demonstra como pequenas atitudes de grande generosidade podem transformar a sociedade em que estamos inseridos. O que podemos fazer para mudar o mundo? Talvez possamos começar com um sorriso. Talvez um sorriso seja algo simples, mas pode transformar a vida de muitas pessoas. Você sorri para uma pessoa e essa pessoa sente-se melhor e acaba contagiando outras.

Ser sal e luz do mundo não é fazer algo extraordinário, mas fazer o ordinário de forma extraordinária, buscar formas de tornar o mundo melhor com pequenas atitudes. Basta, por exemplo, usar com mais frequência palavras mágicas, como: por favor, com licença, muito obrigado e estaremos construindo uma sociedade mais gentil e fraterna.

24. A nova justiça é superior à antiga (Antigo Testamento)

“Com efeito, eu vos asseguro que se a vossa justiça não ultrapassar a dos escribas e a dos fariseus, não entrareis no Reino dos Céus” (Mateus 5, 20).

“Ouvistes que foi dito: ‘Amareis a teu próximo e odiareis a vosso inimigo’. Eu, porém, vos digo: amai os vossos inimigos e orai pelos que vos perseguem, desse modo vos tornareis filhos do Vosso Pai que está nos Céus, porque ele faz nascer o sol igualmente sobre maus e bons e cair a chuva sobre justos e injustos” (Mateus 5, 43-45).

O projeto da Boa Nova do Novo Testamento ultrapassa o legalismo moral do Antigo Testamento. Se a lei do Antigo Testamento exigia o cumprimento de rituais, a boa nova propõe a práxis do amor. O amor é a nova dinâmica evocada pelo Novo Testamento. Praticar o amor, eis a proposta de Jesus. Não é um amor qualquer, é um amor que vai até as últimas consequências, inclusive amando os inimigos. Deus dá chance mesmo aos maus de se salvarem, caso queiram mudar de vida. Por vezes, pensamos por que razão Deus permite que os maus continuem a praticar suas obras. Deus, na verdade, concede a liberdade e não interfere na ação humana, está sempre de braços abertos para acolher aqueles que querem mudar de atitude e optar por uma outra vida.

Jesus aponta para o Pai que está nos céus como exemplo de perfeição. Nesse sentido, podemos entender a importância do projeto de Jesus que é levar ao Pai, Filho e Espírito Santo, três pessoas na unidade, um só Deus. A santidade proposta por Jesus, conforme a interpretamos com a Igreja, é uma santidade da vida diária, de santificação das atividades mais simples realizadas de forma extraordinária.

A chuva cai sobre os justos e injustos porque até o último momento Deus quer dar a chance aos maus de se redimirem e voltarem para o Senhor; é preciso confiança no projeto de Deus. Mas há aqueles que, mesmo Deus oferecendo essa chance, optam por uma vida eivada de maldade. Porém, os bons não devem desanimar ao ver os injustos também serem contemplados com a chuva, porque virá a eternidade e então eles serão punidos, caso não optem por mudança.

Jó é o personagem bíblico que vive essa angústia de perceber que Deus é bom, mesmo com os maus, e vive uma crise de fé por essa razão. Todos nós também podemos passar por esta crise de fé que, semelhante ao sofrimento do filho bom que viu o pai fazer uma festa para o filho pródigo e revoltou-se, não conseguiu entender a extensão do amor do Pai. Mas, na realidade, o filho pródigo não tem mais valor que o filho bom; o pai alegra-se com o retorno do filho pródigo e faz-lhe uma festa porque justamente este estava perdido. Quantas vezes também nós não aceitamos o retorno do filho pródigo em nossas comunidades, queremos justiça! A justiça da Boa Nova é uma nova justiça com perspectivas diferentes, o amor e a proposta de salvação universal é o caminho!

25. O verdadeiro tesouro

“Não ajuntai para vós tesouros na terra, onde a traça e o caruncho os corroem e os ladrões arrombam e roubam, mas ajuntai para vós tesouros no céu, onde nem a traça, nem o caruncho corroem e onde os ladrões não arrombam nem roubam; pois onde está teu tesouro aí está também teu coração” (Mateus 6, 19-21).

Infelizes daqueles que querem uma segurança terrena guardando tesouros porque não sabem que, na realidade, a vida humana é muito passageira; fugaz. Os tesouros deste mundo não podem ser levados para a outra vida; e quando os ama demais, corre-se o risco de perder a própria vida. É muito sábia a expressão de Jesus de que “onde está o coração aí está o teu tesouro” porque podemos perceber que realmente isso ocorre na realidade. Quem ama apenas o dinheiro acaba direcionando toda sua vida para esse objetivo, esquecendo-se do projeto da vida eterna de Jesus.

Os fariseus e mestres da lei acreditavam que apenas cumprindo os preceitos legais poderiam se salvar, esqueceram-se de que o projeto de Deus é muito maior do que a ambição por bens e consumismo. Deus não quer práticas exteriores e um coração fechado para sua a sua mensagem.

Quantos exploram seus empregados querendo acumular sempre mais; infelizmente ignoram que todos os bens terrestres devem ser sopesados com parcimônia, porque podem impedir a vida eterna, caso o coração ame mais esses bens que a Deus, único Senhor.

Pensar no verdadeiro tesouro leva a pensar na importância de entender que esta vida é muito passageira; o dinheiro consegue até aumentar dias de vida com tratamentos médicos, mas quando é chegada a hora de partir para outra vida, o dinheiro nada pode fazer. Somos passageiros nesta vida e existência. Por isso, ao invés dos tesouros deste mundo, preocupemo-nos com as coisas do céu que não são passageiras e fugazes e nos levam a encontrar o Senhor.

26. A regra de ouro

“Tudo aquilo, portanto, que quereis que os homens vos façam, fazei-o vós a eles, pois esta é Lei e os profetas” (Mateus 7, 12).

Eis um dos princípios fundamentais do evangelho: o que quer que o outro te faça de benefício, faça você primeiro a ele. Somos convidados a tomar a iniciativa de semear o bem ao outro para promover uma sociedade mais fraterna e justa. Somos convidados a agir como semeadores de boas obras, generosidade, hospitalidade, não esperando recompensas, mas por pura gratuidade. Eis o plano de Deus para nossa vida.

Tantas e tantas leis humanas muitas vezes não funcionam justamente porque as pessoas estão com o coração fechado para a graça de Deus; por outro lado, a proposta de Jesus é simples: fazer ao outro aquilo que gostaríamos que fizessem a nós. Também podemos entender no sentido contrário: não fazer aos outros o que não queremos que os outros nos façam. Pensando na história da filosofia, encontramos Kant, que apresenta a mensagem: age de tal modo que a máxima de sua ação seja uma máxima universal; ou seja, se eu não quero que o outro me faça tal coisa, não devo também eu fazer para ele. Parece que Kant disse em outras palavras aquilo que Jesus havia proposto nos evangelhos.

Infelizmente cabe aqui uma crítica a diversos veículos de comunicação que divulgam com mais vivacidade aquilo que é negativo sem divulgar boas práticas. Realmente, os meios de comunicação devem informar aquilo que está ocorrendo na sociedade, mas, por vezes, alguns veículos destacam apenas o lado negativo do que está ocorrendo na sociedade e se esquecem de divulgar tantas e tantas iniciativas valiosas de tantas pessoas de bem que trabalham pelo bem da sociedade.

27. Guardai-vos dos falsos profetas

“Guardai-vos dos falsos profetas que vêm a vós disfarçados de ovelhas, mas por dentro são lobos ferozes. Pelos seus frutos os reconheceréis” (Mt 7, 15).

Muitos dizem estar servindo ao Senhor, mas estão a servir-se a si mesmos; querem e desejam semear a falsa doutrina. Quantos e quantos falsos profetas temos na atualidade: é preciso verificar se são falsos profetas observando os frutos que produzem. Quantos e quantos produzem materiais religiosos apenas para se enriquecer e se tornam mercadorias da fé; em público, nunca apresentam a Boa Nova porque é para não chocar seus fãs.

Porém Jesus é muito claro ao dizer que os falsos profetas terão sua recompensa. Quanta gente inocente segue falsos profetas que buscam apenas o autoengrandecimento. Quanto e quanto exibicionismo em nome da fé. A proposta de Jesus é radical quanto à postura daqueles que querem segui-lo. Não basta dizer com os lábios: “Senhor, Senhor” e na prática ter atitudes totalmente condenáveis pelo evangelho.

Igualmente é preciso guardar-se dos falsos profetas que constantemente anunciam um ensinamento distorcido da proposta de Jesus e que querem unicamente semear a discórdia no meio dos cristãos. Antes de seguir alguém que anuncia o evangelho, é preciso verificar se ele está comprometido com o crescimento do Reino, ou está comprometido com as próprias vantagens. Quantos e quantos falsos profetas insinuam maledicências para a divisão da Igreja e acabam levando muitos e muitos incautos a não encontrarem os verdadeiros caminhos do Senhor.

O verdadeiro profeta é como João Batista, não anuncia a si mesmo, anuncia a Jesus. Prepara mentes e corações para receber a Jesus. O verdadeiro profeta também não é um oportunista que se aproveita da fé das pessoas para lucrar com a venda de produtos religiosos, cujo objetivo é o enriquecimento pessoal. Abramos os olhos para reconhecer os verdadeiros profetas.

28. Não ter medo de testemunhar a Jesus

“Todo aquele, portanto, que se declarar a mim diante dos homens, também eu me declararei a ele diante de meu Pai que está nos céus. Aquele, porém, que me renegar diante dos homens, também o renegarei diante de meu Pai que está nos céus” (Mateus 10, 32-33).

Ser discípulo de Jesus é marcar presença de um jeito diferente de ser e de estar no mundo e tal posicionamento muitas vezes leva a chacotas e deboches dos filhos das trevas. E quantos, diante dos deboches, acabam por não testemunhar ser discípulo de Jesus. A esses, Jesus promete também fingir que não conhece quando estiver do lado do Pai. Mas quem dedica sua vida a testemunhar a Jesus, esse já ganhou a vida eterna e muitas bênçãos para a sua existência.

Em 2018 vivemos na Igreja no Brasil o ano do laicato, ano todo especial para refletirmos sobre a existência dos leigos no seio da Igreja. E, nesse contexto, clérigos e religiosos são chamados a testemunhar a Jesus com seu estado próprio e os leigos são desafiados, talvez ainda mais, a testemunharem a Jesus nos diversos ambientes sociais em que estão inseridos.

Testemunhar a Jesus é dizer um sim à prática da ética cristã. Viver eticamente é um desafio no mundo atual que

muitas vezes apregoa a prática de ser mais esperto que os demais. Já viver a ética cristã é dar um passo à frente e anunciar a Jesus com a prática da vida. Praticar o projeto de Jesus, eis o melhor modo de testemunhar a Jesus. E todo aquele que testemunha a Jesus será recompensado com a vida eterna.

Quantos cristãos frequentam diariamente a Igreja, infelizmente, quando é para testemunhar a Jesus no cotidiano da existência, não apresentam um comportamento que deles se espera como seguidores de Jesus. Muitos ateus, por outro lado, na prática da vida dão maior testemunho sobre Jesus do que aqueles professam Jesus com os lábios, mas o coração e a prática da vida não testemunham a Jesus.

29. Jesus, amparo para todos que estão cansados

“Vinde a mim todos que estais cansados sob o peso do vosso fardo e vos darei descanso. Tomai sob meu jugo e aprendei de mim, porque sou manso e humilde de coração e encontrareis descanso para vossas almas, pois meu jugo é suave e meu fardo é leve” (Mateus, 11, 28-30).

Jesus não quer ser peso para ninguém. Seu projeto privilegia a vida e vida em abundância para todos (Jo 10,10). O cristianismo e a proposta de Jesus prometem uma vida leve. Quem anda nos caminhos da verdade, vive na luz e distancia-se das trevas. Diferente dos preceitos da lei do Antigo Testamento, o projeto do Novo Testamento preocupa-se em tornar a religião mais leve e não cansativa; por isso, o cristão é chamado a exibir em seu rosto a imagem de alguém que é feliz.

A felicidade é algo difícil de expressar em palavras porque é uma vivência da alegria de estar no Senhor e

partilhar de sua vida. Todos que estão cansados e com fardo pesado são convidados a se encontrar com o Senhor, a encontrar o alívio de seu fardo mediante esse encontro. Zaqueu é um dos personagens bíblicos que se encontraram com o Senhor e que vivenciou o quanto Jesus se preocupa em não condenar ninguém.

“Zaqueu, quero ficar em tua casa” – eis a máxima de Jesus, propósito que se estende a todos nós. Zaqueu era cobrador de impostos, um pecador público praticamente. Mas Jesus lhe oferece uma nova maneira de agir e obtém de Zaqueu uma resposta afirmativa para segui-lo. “Se prejudiquei alguém, quero devolver o dobro”. Jesus poderia ter acusado Zaqueu por suas práticas; pelo contrário, Jesus não condena, e ainda o convida a uma nova vida no Senhor. Por isso, precisamos aprender a perdoar-nos a nós mesmos, como dissemos em mensagem anterior, porque Jesus é o caminho, a verdade e a vida e não fica cobrando o nosso passado; pelo contrário, oferece uma nova vida.

Se Jesus é manso e humilde de coração, quem somos nós para condenar-nos irremediavelmente por nossas falhas, devemos nos deixar chamar, sendo mansos e humildes de coração, voltando-nos para o Senhor e procurando com nossa vida testemunhar a esse Jesus manso e humilde de coração. Em um mundo tão violento, ser manso de coração é uma grande virtude para nos encontrarmos com o Senhor e podermos colocar nele nossas esperanças.

30. Convidados a agir como semeadores do Reino do Deus

...” Outra parte, caiu em terra boa e produziu fruto, uma cem, outra sessenta e outra trinta. Quem tem ouvidos, ouça!”
(Mateus 13, 8-9).

No processo de santificação, somos convidados, ao mesmo tempo, a atuar como semeadores do Reino de Deus e ser também terra fértil em que germinem as sementes do Reino de Deus. Precisamos semear. Algumas vezes a semente cairá em terra imprópria e não germinará, mas, em outras situações, germinará quando cair em terra aberta para acolher a mensagem de Jesus.

Tenho sido um semeador do Reino de Deus? Tenho anunciado e levado a mensagem de Jesus para outras pessoas? Ou tenho me fechado, guardado a boa-nova apenas para mim e me esquecido de anunciar o projeto do Reino de Deus?

No caminho da santificação, somos convidados a ser esse solo fértil, deixando-nos guiar pelo Senhor e sermos frutíferos; deixarmos o Espírito Santo agir em nós. Se nos fechamos para a ação do Espírito Santo, teremos dificuldade de frutificar. É necessário deixar-nos guiar pelo Senhor e seguir seus mandamentos.

Vendo os meios de comunicação vinculados à Igreja, percebemos que, talvez como nunca, Jesus foi anunciado; infelizmente, muitos estão com o coração fechado para a graça de Deus e, por estarem fechados, impedem que a ação de Deus transforme sua vida. A vida daquele que se deixa tocar pelo Senhor é totalmente modificada porque finalmente encontra o coração manso e humilde de Jesus.

Apesar das dificuldades, que sejamos anunciadores do Reino de Jesus em todos os ambientes em que nos

encontrarmos; a semente que cair em um coração aberto há de produzir fruto!

31. Multiplicar os pães nas nossas comunidades

“Em seguida, partindo os pães, deu-os aos discípulos, e os discípulos às multidões. Todos comeram e ficaram saciados, e ainda recolheram dozes cestos cheios dos pedaços que sobraram. Ora, os que comeram eram cerca de cinco mil homens, sem contar mulheres e crianças” (Mateus 14, 20-21).

O cristão é convidado a lutar por uma sociedade mais fraterna e solidária e com o mínimo de dignidade para todos. É um desafio lutar para que todos tenham vida e vida em abundância, conforme o projeto de Jesus. Não faltam riquezas e mantimentos para que todos fiquem saciados, mas falta espírito de partilha e solidariedade. Grande parte da riqueza produzida mundialmente fica nas mãos de alguns poucos privilegiados; somos filhos e escravos do capital. Urge pensarmos em uma sociedade mais fraterna e com igualmente mínima para todos.

Toda vez que houver corações abertos a partilhar, acontecerá a multiplicação dos pães. Os cinco pães e dois peixes foram suficientes para saciar a multidão porque Deus operou milagrosamente. E o grande milagre que podemos vivenciar em nossas comunidades é o milagre da partilha. Partilhar, eis o caminho para aqueles que amam a Deus e abrem seu coração com generosidade para os demais.

Por vezes se criticam programas assistenciais de distribuição de renda. As pessoas se esquecem de que o mínimo que é ofertado a quem tem pouco é bastante para ajudar na sobrevivência dessas pessoas. Por vezes, também se critica a atitude de apatia dessas pessoas

diante da vida. Porém, muitos esquecem que a vida, por vezes, tão sofrida, não permite que essas pessoas tenham esperanças e lutem por uma vida melhor. Não defendemos aqui o fim da propriedade privada, mas sim a busca, mesmo que utópica, de uma sociedade que garanta condições mínimas para todos aqueles que precisam de um mínimo para sobreviver.

Enfim, se o sistema capitalista apregoa na prática da vida um sistema de acumulação, do ter mais a todo custo, o projeto de Jesus é um projeto de uma sociedade mais justa e mais solidária. Nas comunidades que assumem o projeto de Jesus, a multiplicação dos pães pode ocorrer. Madre Teresa de Calcutá também dizia que as pessoas não têm fome apenas de pão, mas de serem amados e queridos. Sendo assim, somos convidados a partilhar não apenas o pão de cada dia, mas a doar um sorriso, um gesto de empatia e solidariedade para tantos com os quais a vida foi muito injusta.

32. Assumir a cruz de cada dia: condição para seguir a Jesus

“Então disse Jesus aos seus discípulos: ‘Se alguém quer vir após mim, negue-se a si mesmo, tome sua cruz e siga-me. Pois aquele que quiser salvar a sua vida, a perderá, mas o que perder sua vida por causa de mim, a encontrará. De fato, que aproveitará ao homem ganhar o mundo inteiro, mas arruinar sua vida? Ou que poderá o homem dar em troca de sua vida?’” (Mateus 16, 24-26).

Seguir a Jesus é assumir também a cruz de cada dia. Todos nós temos nossa cruz, no entanto podemos assumir a cruz com o espírito daqueles que veem na cruz o sinal da ressurreição ou assumir a cruz como sinal de

morte. A decisão é nossa. Jesus espera uma resposta de nossa parte: se quisermos segui-lo é necessário assumir a cruz. Jesus vivenciou a nossa dimensão humana e também sofreu as angústias para assumir sua cruz, mas confiou no Pai que lhe concedeu a missão. Como já dissemos em outra mensagem, o cristão não deve olhar esta vida apenas pelo horizonte da existência terrestre, é convidado, sim, a pensar a existência no contexto da vida eterna. A vida eterna, eis nossa meta como cristãos, aceitá-la com a gratuidade que Deus nos oferece.

Todos nós somos convidados a nos perguntar de que adianta ganhar a vida terrena se perdermos a vida eterna? Os ímpios supõem apenas nesta vida e acabam buscando bens e poderes, pensando que esta vida terrena será eterna, mas é uma grande ilusão, porque somos passageiros, nossa existência é passageira. Estamos de passagem por esta existência.

Infelizmente para muitos a cruz consiste em aceitar o outro que nos causa dissabores, mas somos convidados a assumir a cruz com muita generosidade e aceitação do projeto de Deus. Quem aparentemente perde sua vida por Cristo, na realidade, está ganhando essa mesma vida.

Os mártires souberam assumir sua cruz até as últimas consequências e souberam assumir a cruz para testemunhar a Jesus com a própria vida. São Sebastião é exemplo desse testemunho até às últimas consequências. Poderia ter negado a Jesus e continuado sua vida de militar com muitas glórias humanas, mas escolheu seguir o caminho inverso. Sofreu perseguição, pagando com a própria vida, mas ele ganhou a vida eterna e tornou-se uma referência para aqueles que sofrem perseguição, porém não vacilam na fé e testemunham a Jesus com seu próprio sangue.

33. É necessário vigiar para guardar a fé

“Finalmente chegaram as outras virgens, dizendo: Senhor, Senhor, abre-nos! Mas ele respondeu: ‘Em verdade vos digo: não vos conheço! Vigiai, portanto, porque não sabeis nem o dia nem a hora’ (Mateus 25, 11-13).

A parábola das dez virgens, sendo cinco sensatas, cinco insensatas representa uma importante reflexão sobre a vigilância. As imprudentes não guardaram o azeite suficiente para a chegada do noivo e tiveram um triste fim. Assim também todos nós somos convidados a manter a chama da fé acesa mesmo diante dos obstáculos no dia a dia. Urge uma busca por estar vigilante. Estar vigilante é estar procurando alimentar a fé para que ela não esmoreça.

Qual seria o azeite capaz de manter nossa fé acesa? Esse azeite seria a nossa busca constante para testemunhar a Jesus e também a vivência constante da oração. A oração nos aproxima de Deus e quem tem intimidade com o Senhor modifica a sua vida. Os primeiros cristãos se destacaram justamente pela sua intimidade com Jesus, a tal ponto que muitos se convertiam porque percebiam que testemunhavam a Jesus com suas atitudes.

Retomando a sequência das mensagens, percebemos que seguir a Jesus não é um caminho fácil. É um desafio. Ser cristão é um desafio. Triste daqueles que se tornam cristãos para fazer um estilo socialmente aceitável em uma sociedade cristã. Somos convidados a não assumir um cristianismo socialmente aceitável e, sim, um cristianismo que clame por modificações nas estruturas injustas da sociedade.

Lendo os evangelhos, percebemos a grande didática de Jesus que não ensina de modo difícil sua doutrina, mas procura oferecer ensinamentos de maneira que todos entendam. Ele fala diversas vezes na menção da criança como exemplo daquele que quer ser maior no Reino. Ter um coração de criança, eis o convite. A criança não guarda ressentimentos. Quantas vezes os ressentimentos impedem que nos esqueçamos de páginas doloridas de nossa vida. Ficamos remoendo e remoendo diversas situações.

Ser uma virgem prudente é não deixar-se também mover pelos ressentimentos que acabam envenenando nossa vida e nos prendendo ao passado. Urge pensar no momento presente e nos desafios que nos são postos no caminho do evangelizar. Somos convidados a manter a luz da nossa fé acesa para não sermos surpreendidos quando o Senhor nos chamar para prestarmos conta de nossa caminhada na fé.

34. Eucaristia: sacramento por excelência

“Enquanto comiam, Jesus tomou um pão e, tendo-o abençoado, partiu-o e, distribuindo-o aos discípulos, disse: ‘Tomai e comei, isto é o meu corpo’. Depois, tomou um cálice e, dando graças, deu-o a eles, dizendo: ‘Bebei dele todos, pois isto é o meu sangue, o sangue da Aliança, que é derramado por muitos para remissão dos pecados. Eu vos digo: Não bebereis mais deste fruto da videira até o dia em que convosco beberei o vinho novo no Reino do meu Pai’” (Mateus 26,26- 29).

Já falamos a respeito da Eucaristia, mas queremos mais uma vez oferecer reflexões, por ser este o sacramento por excelência. Como temos refletido na condição de ser discípulo do Senhor, bem como

apresentado as dificuldades para esse contato, também queremos refletir sobre o alimento da nossa caminhada de discípulos do Senhor que é a Eucaristia.

A Eucaristia, para nós, católicos, é um momento do encontro íntimo com Jesus. A cada Santa Missa atualiza-se o mistério eucarístico da Paixão, da Morte e da Ressurreição. Não é apenas memória, mas a atualização da Paixão, da Morte e da Ressurreição de Jesus. De domingo a domingo os cristãos vivenciam a Páscoa do Senhor e é a Eucaristia o alimento para que todos testemunhem a Jesus com sua vida.

A Eucaristia é a presença de Jesus Ressuscitado a nos animar para anunciar o Reino. E com a Eucaristia está o Espírito Santo, o paráclito a nos auxiliar, a infundir-nos ânimo e dar os rumos que devem guiar a evangelização. Por vezes, quando o cansaço nos oprime, somos convidados também a ir para o deserto da nossa vida, a nos afastarmos dos ruídos da vida para nos encontrarmos com Deus. Ficar a sós com Jesus Eucarístico, eis um grande alimento na nossa caminhada rumo à santidade.

A Igreja, por meio dos seus apóstolos, manteve sempre a fé na Eucaristia como presença real de Jesus e não mera memória do Senhor. Trata-se da atualização do memorial da Paixão, da Morte e da Ressurreição de Jesus. É o sacrifício de Jesus perpetuado pelos séculos. Todos os sacramentos possuem graças específicas, mas a Eucaristia é o Sacramento por excelência, porque é o próprio Jesus que vem ao nosso encontro para nos fortalecer. A Eucaristia não é prêmio para aqueles que melhor se comportaram, é, na verdade, remédio e alimento para aqueles que desejam atuar como discípulos de Jesus.

35. Páscoa: festa litúrgica da Ressurreição do Senhor

“Mas o Anjo, dirigindo-se às mulheres: disse-lhes: Não temais! Sei que estais procurando Jesus, o crucificado. Ele já não está aqui, pois ressuscitou, conforme havia dito” (Mateus 28, 5-7)

A Páscoa é o ápice da fé cristã. Já nos diz o apóstolo Paulo que se Jesus não tivesse ressuscitado, nossa fé seria vã. As mulheres vão ao túmulo do Senhor e se deparam com o anjo que anuncia que Jesus ressuscitou. Várias interpretações podem ser atribuídas a esta escolha de serem as mulheres as primeiras a encontrar o túmulo vazio e serem anunciadoras do Senhor. Talvez uma das interpretações mais prováveis é que Deus quis mostrar a importância das mulheres no plano da salvação e condenar qualquer prática de desvalorização da mulher. Quantas e quantas situações ocorrem em que as mulheres ainda são violentadas nos dias de hoje e muitas e muitas vezes a mulher é desvalorizada socialmente. São elas as primeiras a sair a testemunhar que Jesus ressuscitou. Também nós somos convidados a anunciar com nossa vida que Jesus ressuscitou.

Ao se encontrarem com Jesus Ressuscitado, ele diz às mulheres: “Ide anunciar a meus irmãos que se dirijam para a Galileia: lá me verão” (Mateus, 28, 10). Todos nós somos convidados a testemunhar a Jesus Ressuscitado com nossa vida, nossas comunidades são chamadas a ser comunidades de Ressurreição.

Infelizmente, quantos cristãos enchem a Igreja na sexta-feira santa para vivenciar a Paixão do Senhor, mas esquecem-se de voltar no domingo para celebrar a ressurreição do Senhor. Isto é triste porque muitos cristãos se esquecem de que o sofrimento de Jesus só tem sentido se associado à vivência da Ressurreição.

36. Encontrar-se com o Senhor: ressignificar a própria existência

Quem se encontra pessoalmente com Jesus é convidado a ressignificar a própria existência. Isso demonstra não apenas uma adesão teórica ao evangelho, mas algo que é assumido na própria vida. Viver uma experiência de Deus na sua vida é deixar que Ele se torne o guia supremo no caminho da prática do bem.

Quem se encontra com Jesus é chamado a ser transparente, que quer dizer ser diferente dos fariseus a que Jesus menciona como sepulcros caiados. Ser transparente é procurar viver aquilo que anuncia, é procurar anunciar a Jesus como verdade maior para sua vida. É professar com sua língua determinados valores, a assumi-los também em sua vida; deixar de ser uma farsa. É vivenciar com sinceridade e de coração o projeto de ser templo do Espírito Santo.

Quem se encontra com Jesus é chamado a ser honesto consigo mesmo. Este ser honesto para si mesmo significa deixar de querer parecer além do que é. É não exercitar o exibicionismo, mas adequar sua vida ao projeto de Deus. Quantos e quantos mentem a si próprios e não se aceitam como são. É preciso aceitar-se como se é. O temor de muitos de não serem aceitos leva a uma busca de querer ser quem não é. Deus nos aceita como somos, com nosso jeitão de sermos; depois de dado este passo, somos convidados a nos deixar moldar pelas mãos de Deus como se Ele fosse um oleiro a nos moldar.

Quem se encontra com Jesus é convidado a contar para os demais que Jesus Ressuscitou. Assim como no mito da caverna de Platão, aqueles que encontram o verdadeiro mundo, não conseguem calar essa verdade,

querem transmiti-la para aqueles que ficaram na caverna. Também quem encontra a Jesus dá novo significado para sua vida e não se contém, quer anunciar para os demais a Boa Nova do Ressuscitado. Também como aquele que saiu da caverna, talvez seja até morto por anunciar a boa nova.

37. Mística de fazer o ordinário de forma extraordinária

Quem deseja progredir no caminho do Senhor é convidado constantemente a transformar o ordinário de sua vida em algo extraordinário. O que isso significa? Significa realizar as ações ordinárias do dia a dia de forma extraordinária, contribuindo para melhorar o mundo em que está inserido. Por vezes, parece que ser discípulo de Jesus é realizar grandes obras de evangelização. Também é. Mas no dia a dia podemos realizar importantes obras de evangelização com simplicidade e discrição.

Triste do jovem que para seguir a santidade resolve isolar-se do mundo e acredita que é esse o único caminho para a santificação. O jovem pode ser santo entre aqueles com quem convive e, desse modo, testemunhar a Jesus no seu próprio campo de missão. Isso não é negar a importância do testemunho de tantos santos que foram santos, apartando-se do mundo, mas é mostrar que podemos ser santos atuando no mundo e transformando o ambiente em que vivemos.

Maria Santíssima soube agir colocando-se a serviço do Reino e de seu projeto. Ela é a mulher do silêncio que seguiu os desígnios do Senhor. Ela procurou fazer o ordinário de modo extraordinário e é a Mãe da Igreja e nossa Mãe e é exemplo de testemunho a ser seguido. Deus poderia ter escolhido uma rainha para ser a mãe de

Deus, mas escolheu justamente uma pessoa simples com o coração aberto para Deus.

O Concílio Vaticano II, com sua visão de Igreja como “Igreja: Povo de Deus”, muito contribuiu para uma nova perspectiva. Cada cristão é Igreja e não apenas a hierarquia. Cada um a seu modo é convidado a anunciar o Reino de Deus diante de tantas adversidades. Cada cristão é chamado a fazer do ordinário da sua vida algo extraordinário. A hierarquia não atua diretamente nas diversas situações sociais em que os leigos estão inseridos e são convidados a testemunhar a Jesus naqueles ambientes em que a mensagem de Jesus ainda não chegou.

38. A Igreja é, por natureza, missionária

A Igreja que somos todos nós, cristãos, é missionária por natureza. Após a ressurreição e o batismo de Pentecostes, somos enviados em missão. Ser discípulo de Jesus é ser missionário. A Igreja precisa de missionários nos seus diversos ambientes de ação no mundo e precisa de missionários que se disponham a anunciar a Jesus para aqueles que ainda não receberam esse anúncio. Nem todos aceitarão a proposta do Reino de Deus, mas, como meditamos em mensagem anterior, somos convidados a semear o Reino nas mais diversas situações sociais.

Papa Francisco tem marcado seu pontificado apresentando a importância de uma igreja em saída. A expressão Igreja em Saída refere-se a uma visão de Igreja que vai ao encontro dos mais necessitados, daqueles que se encontram distantes da mensagem do Senhor. É preciso também estar aberto para acolher aqueles que se encontravam perdidos nas trevas e querem encontrar a

Jesus. Igreja em Saída é termos um olhar misericordioso para aqueles que andaram longe do Senhor e querem voltar seu coração para Deus. Quantas e quantas vezes não queremos jogar pedras naqueles que erraram e acabamos atrapalhando o encontro desses que querem se converter ao Senhor.

O apóstolo Paulo é o grande missionário de todos os tempos. Levou o evangelho além do povo judeu, aquele povo escolhido por Deus, mas que não soube acolher a Jesus, aquele Jesus, pobre e manso de coração, porque esperavam um Jesus que fosse rei aos moldes deste mundo. Ser missionário é aceitar que a boa nova de Jesus estende-se a todos os povos para transformar a vida daqueles que têm contato com ela.

O evangelho existe para ser anunciado a todos os povos, eis o imperativo do Senhor. Somos convidados, se não somos missionários no sentido mais próprio do termo, a ser missionários, orando pelas missões e também dando uma contribuição financeira para ser enviada para as missões. O Brasil recebeu muitos missionários e devemos ser gratos a Deus por tantos e tantos que doaram sua vida para entregar sua vida evangelizando o povo brasileiro.

39. Ser generoso em ofertar sua vida a Deus

“Levantando os olhos, ele viu os ricos lançando ofertas no Tesouro do Templo. Viu também uma viúva indigente, que lançava duas moedinhas e disse: ‘De fato, eu vou digo que esta pobre viúva lançou mais do que todos, pois todos aqueles deram do que lhes sobrava para as ofertas; esta, porém, na sua penúria, ofereceu tudo o que possuía para viver’” (Lucas 21, 1-4).

Esta passagem do evangelho nos convida a nos doarmos para a construção do Reino de Deus. Aquele que dá sobras do que possui não realizou ato tão importante quanto aquele que doa de sua penúria. Certamente Jesus não está falando apenas do doar bens ao Templo, mas da doação pessoal à causa do Reino de Deus. De Deus tudo recebemos: a vida, a saúde, o trabalho, a família, somos, por essa razão, convidados a ser generosos com o Reino de Deus, colaborando com o que for possível de nossa parte.

Antes deste versículo do evangelho de Lucas, encontramos uma menção de crítica de Jesus aos escribas que querem exhibir como melhores e afirma que estes últimos receberão uma sentença mais severa. Certamente, não é por acaso que Jesus faz esta advertência e depois fala da viúva que nada tinha e doou do seu nada. É preciso combater o exibicionismo, o querer aparecer, o querer explorar os outros usando meios religiosos.

Deus é extremamente misericordioso com aqueles que querem segui-lo, mas também é cruel com aqueles que, como os escribas, apenas mostram uma exposição exterior de ter aderido à fé. A nova aliança selada no sangue de Jesus assume, como dimensão máxima, a prática do amor e não apenas a prática de rituais. Praticar rituais não tem sentido nenhum se o coração não está voltado para Deus.

Ser discípulo do Senhor é esforçar-se em doar ao Reino de Deus doando o melhor de si para a obra do Senhor. Ser discípulo de Jesus é não voltar os olhos para trás quando está a lavrar a terra porque esse olhar não contribui para a obra do Reino.

Os santos de todos os tempos são exemplos de doação até as últimas consequências em uma busca sincera de viver na comunhão com Deus. Vários santos tiveram preservado seu corpo após a morte justamente como sinal da santidade que alcançaram. São sinais sensíveis de que a graça de Deus supre os limites humanos. E todos aqueles que se lançam ao projeto de doação ao Reino de Deus tem o desafio de confiar na divina providência a guiar seus passos.

40. O amor e o perdão como expressão maior do cristianismo

“Então, erguendo-se, Jesus lhe disse: ‘Mulher, onde estão eles? Ninguém te condenou?’ Disse ela: ‘Ninguém, Senhor’. Disse, então, Jesus: ‘Nem eu te condeno. Vai, e de agora em diante não peques mais’” (João 8, 11).

Jesus propõe a misericórdia como centro e força motriz do anúncio do evangelho. Os pecadores, mesmo públicos, podem ser perdoados desde que aceitem a proposta de uma nova vida. “Vai e não peques mais” – eis a proposta de Jesus. Ninguém pode condenar a ninguém porque somos todos pecadores. Infelizmente, quantas vezes na comunidade alguns se sentem superiores aos demais e passam a rotular os demais como não sendo dignos de ser cristãos. Mas Deus tem outros planos e outro modo de agir: oferece o perdão a quem deseja seguir uma nova vida.

Mesmo Pedro, que negou Jesus por três vezes, Jesus perdoa e dá a ele a missão de ser pedra e sobre essa pedra edificou a sua Igreja. Jesus é plenamente humano e compreende a dimensão humana que todo ser humano

possui. Deus quer nos propiciar novos rumos, basta que aceitemos seu perdão incondicional.

Aos pecadores Jesus promete misericórdia. Também nós, como missionários, somos chamados a ser missionários da misericórdia divina que significa tentar mostrar para aqueles que estão no caminho das trevas que existe uma luz e que esta luz é Jesus, que não julga, mas compreende e acolhe para uma nova vida.

Todo aquele que é perdoado é convidado a amar sem medidas, a doar-se completamente para um reino do amor e da misericórdia. Que no processo de nossa santificação sejamos também anunciadores dessa misericórdia de Deus, que perdoa sem limites e apresenta o projeto de amar também sem limites.

Considerações finais

Ao longo destas mensagens a proposta se prende ao desafio de oferecer reflexões a respeito do significado de se seguir a Jesus e ser santo nos dias de hoje. Pensamos na importância de perdoar-nos a nós mesmos, recebermos o perdão de Deus e de perdoarmos o próximo como passo importante para vivenciar a prática do amor até às últimas consequências. É perdoados que somos perdoados por Deus. Jesus não condena ninguém, mas a todos oferece uma oportunidade de mudança de vida.

Refletimos que a Eucaristia é o alimento primordial da nossa caminhada de fé. É a atualização do mistério da Paixão, da Morte e da Ressurreição. Quem quer seguir a Jesus deve tomar sua cruz, negar-se a si mesmo e seguir a Jesus. Não há meio termo para seguir Jesus. Mas Jesus não nos deixou sozinhos, deixou-nos o Espírito Santo como paráclito. O Espírito Santo ilumina nossa alma no caminho dessa missão.

Quem conhece a Jesus é convidado a testemunhar a Jesus com sua vida nos mais diversos ambientes em que se encontra. Somos convidados a ser missionários da misericórdia divina. Nossa atitude deve ser sempre de acolhida a quem se encontra distante de Deus e nunca de julgamento, como faziam os fariseus que eram sepulcros caiados.

Nossa cruz pode ser pesada, mas Deus está conosco. A cruz deve ser, para nós, não apenas um sinal de sofrimento, mas de ressurreição, por isso somos convidados a estimular nossas comunidades para atuarem como testemunho da alegria no Senhor.

Enfim, desejamos que este livro tenha contribuído para a edificação da sua fé no caminho da santificação. Podemos ser santos sem fugir do mundo, mas lutando para transformar esse mesmo mundo em um lugar melhor para todos. A multiplicação dos pães realizada por Jesus é um incentivo para que lutemos por um mundo melhor, em que todos tenham melhores condições de vida, “para que todos tenham vida e vida em abundância” (João 10,10)

Somos convidados a ser uma Igreja em saída procurando sempre contribuir com uma Igreja mais viva que vá ao encontro daqueles que estão apartados do Senhor e, longe de condená-los, ofereçamos um propósito de vida nova.

Sobre os autores

Padre João Carlos Brambilla: padre da Diocese de Jacarezinho, graduado em Teologia pelo Seminário Maior Divino Mestre, graduado como Tecnólogo em Comércio Exterior pela UNINTER, MBA em Gestão Empresarial pela Faculdade Estácio de Sá, de Ourinhos. Contato: brambillajcb@hotmail.com

Fábio Antonio Gabriel: estudou filosofia e teologia no Seminário Maior Divino Mestre, reconhecimento como bacharel em Teologia pela PUC PR, licenciado em Filosofia pela Faculdade Bagozzi, especialista em Ética pela FIMON, mestre e doutorando em Educação pela Universidade Estadual de Ponta Grossa; professor de Filosofia da Rede Estadual de Educação do estado do Paraná; bolsista de doutorado pela CAPES/Fundação Araucária. Site: www.fabioantoniogabriel.com; contato: fabioantoniogabriel@gmail.com

“O presente livro, conforme intuímos desde o título – Mensagens no Caminho do Discipulado de Jesus – apresenta-se como convite à reflexão na perspectiva do seguimento de Cristo.(...) Dividido em 40 reflexões, o conteúdo a seguir evoca como método de leitura a “mística do tempo necessário-oportuno”. Biblicamente, o número 40 aparece carregado de significado para a sensibilidade crente, tanto do Antigo quanto do Novo Testamento. O dilúvio teve a duração de 40 dias e 40 noites (cf. Gn 7,4.12), bem como a permanência de Moisés no Monte Sinai (cf. Ex 24,18). Por 40 anos peregrinou Israel até a Terra Prometida (cf. Nm 14,33). Na plenitude dos tempos (cf. Gl 4,4), Jesus jejuou durante 40 dias no deserto (cf. Mt 4,2; Mc 1,12-13; Lc 4,1-2), e 40 dias após a ressurreição subiu ao céu (cf. At 1,3-11). Reconhecemos no simbolismo deste número a dupla perspectiva do movimento-contemplação. Os israelitas que vagam deserto a dentro, e a arca que desliza errante sobre as águas do dilúvio, encontram seu paradoxo no mistério do silêncio e do recolhimento de Moisés no alto do Monte, no Cristo que reza no deserto e que nas aparições pascais inflama o coração dos apóstolos confirmando-os na fé. Lendo este livro, permitamo-nos também silenciar na penumbra da reflexão, para mais ativamente encorajarmo-nos ao desafio da ação, da compaixão que nos faz movidos ao encontro do outro. Que tal motivação nos configure realmente em autênticas testemunhas do olhar que nos cativou!”

Dom Mauro Aparecido dos Santos
Arcebispo Metropolitano de Cascavel - PR

